



A questão emocional e a escolha do uso das drogas

Érica Ribeiro-Andrade²; Karollyni Maia Pinheiro Silvestre ¹; Laura Rangel Oliveira¹; Maria Luiza Soares Motta Ribeiro¹; Diuliana Barreto do Rosário¹;

²Docente do curso de Psicologia ISECENSA. Coordenadora do LED/ CNPQ (Laboratório de Estudos sobre Drogadição, do Núcleo de Estudos sobre Processos de Estigmatização-ISECENSA).

¹Todas as autoras possuem como afiliação institucional os Institutos Superiores de Ensino do Censa (ISECENSA- Centro Educacional Nossa Senhora Auxiliadora)

laurarangeloliveira2006@gmail.com

Resumo:

O objetivo desta pesquisa é refletir sobre a drogadição a partir dos discursos dos sujeitos drogadictos, avaliando a hipótese de que os conflitos emocionais, dos indivíduos precedem a adicção. Foi feita uma revisão bibliográfica. Uma reunião aberta de N.A foi observada. Os discursos foram ouvidos e transcritos com prenomes fictícios. Vários sujeitos puderam expor o que estavam sentindo e suas experiências com as drogas. Optou-se por apresentar neste trabalho, os discursos de três adictos em função de sua aderência ao objetivo inicial da pesquisa. Os discursos apontam que os efeitos da droga proporcionam instantes de esquecimento da angústia, solidão, ansiedade e medos em relação ao mundo ameaçador. Concluindo é possível perceber nos discursos dos sujeitos drogadictos apresentados, uma série de fatores que precedem à dependência química. O que permaneceu com maior evidência em grande parte das falas, foi a carga dos preconceitos e uma constante luta contra a desorganização mental.

Palavras-chave: Drogas, drogadição, emoções.

1. Introdução:

O objetivo desta pesquisa é favorecer o conhecimento de alunos do 5º período de psicologia, refletindo sobre a drogadição a partir dos discursos dos sujeitos drogadictos. E assegurar a hipótese de que os conflitos emocionais, estigmas e realidade social dos indivíduos precedem a dependência química.

A sociedade ainda possui uma série de preconceitos e pressuposições em relação ao consumo de drogas. Visto que, pouco se busca saber sobre o que antecede a dependência química. A importância deste trabalho é compreender uma realidade que muitas vezes é escondida, se tornando um assunto muitas vezes censurado.

2. Materiais e Métodos

2.1. Materiais

Verificou-se uma prévia pesquisa bibliográfica, observando participantes de uma reunião aberta, dos Narcóticos Anônimos (N.A), que estavam presentes 20 integrantes do grupo. O grupo era predominado por homens, na faixa etária de 18 a 60 anos.

2.2. Metodologia

Para a realização da pesquisa um grupo de 4 integrantes foi à uma reunião de Narcóticos Anônimos em Campos dos Goytacazes, sendo proibida a gravação ou exposição dos nomes das pessoas que lá estavam presentes. Os discursos dos participantes foram ouvidos e transcritos com prenomes fictícios.

No que diz respeito à teoria, foi feita uma revisão bibliográfica tendo como base: artigos sobre a iniciação ao uso de drogas, os conflitos emocionais presentes nos sujeitos drogadictos e a influência destes no processo de tratamento.

3. Resultados e Discussão

Ao longo da reunião vários sujeitos puderam expor o que estavam sentindo e suas experiências com as drogas. Optou-se por apresentar neste trabalho, os discursos de três destes participantes em função de sua aderência ao objetivo inicial da pesquisa.

Segundo JEOLÁS E PAULILO (2004), em muitas comunidades, a droga se tornou um hábito que facilita a comunicação, a inserção em grupos e faz com que o usuário se sinta pertencente à comunidade que faz parte. De acordo com eles, os efeitos proporcionam instantes de esquecimento da angústia, solidão, ansiedade e medos em relação ao mundo que o sujeito considera ameaçador.

JEOLÁS E PAULILO (2004) ressaltam que nas falas de usuários, são constantemente apresentadas as sensações de êxtase, prazer, delírio. Seguem dizendo que o que a droga apresenta de mais atraente é um entusiasmo instantâneo e a necessidade que é imediatamente suprimida. ^[1]

Um senhor que estava há 25 anos sem usar drogas, se manifestou sobre a realidade das drogas; que “‘lá fora’ é tudo lindo”, “as drogas te deixam desinibidos, você se sente um herói e consegue ‘comprar’ a felicidade por alguns instantes. Mas quando tudo passa, essa é a realidade: perdas, alucinações, problemas financeiros, mais conflitos familiares”.

Baseando-se no conceito de mediação social, é possível problematizar o lugar comum que relaciona o consumo das drogas ao prazer proporcionado pelas propriedades químicas das mesmas. Na verdade, os relatos das primeiras experiências com as drogas não são necessariamente de sensações prazerosas. Os usuários relatam, com muita frequência, sensações tais como: mal-estar, pânico/ ansiedade, medo da morte, perda de controle da situação, depressão, sonolência, embriaguez indesejada, preocupação, culpa, confusão mental/ alteração da consciência e da percepção da realidade, paranóias, alucinações aterrorizante etc., ou, ao contrário, não sentem nada. – (WERNER, 2004. Pág. 81)

WERNER (2004) pontua que, na realidade, o efeito inicial da droga, muitas vezes, não é o prazer em si, mas aquilo que atrai principalmente os jovens é o significado social dado às sensações que ocorrem por causa das alterações químicas cerebrais. ^[2]

Os estereótipos se encontram muito presentes nos discursos dos drogadictos, o significado social tem um caráter marcante na inserção no mundo das drogas. Um dos indivíduos comentou sobre sua necessidade de se sentir importante, mas que sempre

ouviu que ele era “maldoso”, “desonesto”, “problemático”, sendo assim, continuou querendo se destacar, mas como o pior em tudo. Na escola, era o pior aluno, na sociedade, o mais violento. E assim foi investindo no caráter que acreditava ter, usava drogas para quebrar as regras e fugir de tudo o que lhe atormentava. Não conseguia “organizar seus sentimentos” e foi se entregando cada vez mais, até chegar ao N.A. e perceber que ele podia ser diferente, que poderia se destacar em coisas boas.

A personalidade drogaditiva, de acordo com Balone (2005c) não suporta as perdas, por isso a droga, para ela, é imprescindível. Como elemento tóxico ela consegue eliminar a ansiedade da espera e a angústia da frustração. Perante a sensação de proximidade de desintegração, a conduta drogaditiva aparece como um recurso puramente defensivo e, por fim, restitutivo, na medida em que constitui uma forma clínica de psicose na luta contra a desorganização mental. (TULLER, et. al., 2009. Pág. 153) [3]

É possível notar esta colocação a partir do discurso de um homem que não conseguia lidar com seus conflitos emocionais. O mesmo não gostava de seguir regras e as drogas foram como um refúgio para seus infortúnios. Todas as vezes que se sentia mal, procurava as drogas para conseguir ficar melhor, assim, o uso ficou a cada dia mais frequente. Falou que havia parado por suas filhas, que sentiam raiva dele por isso; quando elas o viam em uma cama de hospital, ele percebia nos olhos delas a raiva que sentiam dele. Mas mesmo desejando melhorar, ele teve recaídas e sempre acentuava sua fragilidade em relação às emoções e sentimentos.

Brasil (2004a) apud Cordeiro (2013) cita a perspectiva da redução de danos, que é um método que foca no cuidado, tendo a atenção voltada às peculiaridades e à subjetividade do indivíduo. A intenção deste método, segundo ele, é aliviar as consequências advindas da drogadição, visando à defesa da vida. Por fim, o autor destaca que as estratégias para fazer os pacientes entenderem a corresponsabilidade no tratamento, fornecem liberdade para que se estabeleçam vínculos entre os usuários e os profissionais. [4]

“A droga é devastadora na vida de muitos, alguns tem a sorte de não perder muitas coisas. Eu perdi minha família, perdi tudo o que tinha por conta do vício. Perdi o que tem de mais valioso na vida de um homem: a moral e o caráter.” Essas foram as falas de um senhor que hoje vive sem as drogas há mais de oito anos, mas que ainda convive com as perdas que teve durante uma vida inteira consumindo drogas.

4. Conclusão

Com base em todo o conteúdo registrado no presente artigo, é possível perceber nos discursos dos sujeitos drogadictos apresentados, uma série de fatores que precedem à dependência química. O que permaneceu com maior evidência em grande parte das falas, foi a carga dos preconceitos e uma constante luta contra a desorganização mental.

Referente aos problemas sociais que um sujeito pode enfrentar em razão de estereótipos impostos a ele desde a infância. Presume-se que nos discursos vexatórios encontra-se uma ‘profecia autorrealizável’, ou seja, o indivíduo acredita que realmente é o que dizem sobre ele.

Por consequência, esse sujeito acaba, muitas vezes, perdendo sua identidade; podendo gerar uma angústia maior do que considera suportar. Sendo assim, busca maneiras de esquecer seus conflitos instantaneamente, pois não consegue organizar todas as suas questões, sozinho.

Destarte, este indivíduo busca auxílio nas drogas. As sensações que são apresentadas socialmente em relação às mesmas, trazem esperança a essa pessoa que se sente desmotivada e sem nenhum suporte psicológico. O esquecimento instantâneo trazido pelo uso de substâncias químicas gera instantes de prazer e um sentimento de onipotência. Contudo, o uso fica cada vez mais frequente até que este sujeito se torne um adicto.

Torna-se imprescindível para o drogadicto um tratamento com base na redução de danos e em sua reinserção na comunidade. Visto que, o problema da adicção, como já expandido, vai muito além de uma dependência unicamente química. É de suma importância que este sujeito aprenda a lidar com seus conflitos psicológicos, tendo o menor número de prejuízos possíveis. Portanto, o auxílio da família, da sociedade, de um psicólogo e/ou psiquiatra no tratamento deste drogadicto fazem grande diferença.

Agradecimentos:

Expressamos nossa gratidão a todos os envolvidos que atuaram de maneira direta ou indireta. Agradecemos aos Institutos Superiores de Ensino do Censa (ISECENSA), instituição a qual fazemos parte. À mestra Érica Ribeiro de Andrade, somos agradecidas por sua dedicação e orientação para que este trabalho se concretizasse.

Referências:

- [1] PAULILO, M.A.S.; JEOLÁS, L.S. Artigo científico: AIDS, drogas, riscos e significados: uma construção sociocultural. **Ciência e saúde coletiva**: revista Scielo SP. Londrina, vol.10, n.1, mai, 2004. Disponível em: <https://www.scielosp.org/pdf/csc/2005.v10n1/175-184/pt>
- [2] WERNER, J. Artigo científico: A relação sujeito–drogas na perspectiva histórico-cultural: abordagens preventivas e terapêuticas. **Juventude e educação**: revista de educação do cogeime. Rio de Janeiro, ano 13, n. 25, dez. 2004. Disponível em <https://www.redemetodista.edu.br/revistas/revistas-cogeime/index.php/COGEIME/article/view/634/573>
- [3] TULLER, N.G.P.; ROSA, D.T.M.; POLLI, M.C.S.; CATELAN-MAINARDES, S.C. Artigo científico: Os sofrimentos e danos biopsicossociais de dependentes químicos em recuperação. **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**: revista Cesumar. Maringá, vol. 14, n. 1, dez 2009. Disponível em: <http://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/revcesumar/article/view/1043/773> .Acesso em: 20 de Março de 2019.
- [4] MINISTÉRIO DA SAÚDE A POLÍTICA DO MINISTÉRIO DA SAÚDE PARA A ATENÇÃO INTEGRAL A USUÁRIOS DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS- Brasília, DF 2013. Disponível em: <https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/0204.pdf>. Acesso em: 20 de Março de 2019.